

Em cirna das janelas e das portas
Põe sábias inscrições, põe grandes bustos,
Que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes
Dos pobres inocentes, que gemeram
350– Ao peso dos grilhões, porei os ossos
Daqueles que os seus dias acabaram,
Sem Cristo e sem remédios, no trabalho.
E nós, indigno chefe, e nós veremos
A quais destes padrões não gasta o tempo.

CARTA 5ª

Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante, com a sereníssima infanta de Portugal.

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias
Que podem comover a triste pranto .
Os secos olhos dos cruéis Ulisses.
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,
5– Que eu passo a relatar-te coisas lindas.
Ouvirás uns sucessos, que te obriguem
A soltar gargalhadas descompostas.

Página 29

Por mais que a boca, com a mão, apertes,
Por mais que os beiços, já convulsos, mordas,
10– Eu creio, Doutor... Porém aonde
Me leva, tão errado, o meu discurso?
Não esperes, amigo, não esperes,
Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso.
15– Os grandes desconcertos, que executam
Os homens que governam, só motivam,
Na pessoa composta, horror e tédio.
Quem pode, Doroteu, zombar, contente,
Do César dos romanos, que gastava
20– As horas, em caçar imundas moscas?
Apenas isto lemos, o discurso
Se aflige, na certeza de que um César,
De espíritos tão baixos, não podia
Obrar um fato bom, no seu governo.
25– Não esperes, amigo, não esperes
Mostrar no teu semblante um ar de riso;
Espera, quando muito, ler meus versos,
Sem que molhe o papel amargo pranto,
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.

30– Chegou à nossa Chile a doce nova
De que real infante recebera,
Bem digna de seu leito, casta esposa.
Reveste-se o baxá de um gênio alegre
E, para bem fartar os seus desejos
35– Quer que, a despesas do senado e povo,
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de majestade, em frase moura,
E nela se lhe ordena, que prepare,
40– Ao gosto das Espanhas, bravos touros;
Ordena-se, também, que, nos teatros,
Os três mais belos dramas se estropiem
Repetidos por bocas de mulatos;
Não esquecem, enfim, as cavalhadas.
45– Só fica, Doroteu, no livre arbítrio
Dos pobres camaristas, repartirem
Bilhetes de convites, pelas damas.
Amigo Doroteu, ah! tu não podes
Pesar o desconcerto desta carta,
50– Enquanto não souberes a lei própria
Que, aos festejos reais, prescreve a norma.
Enquanto, Doroteu, a nossa Chile
Em toda parte tinha, à flor da terra,
Extensas e abundantes minas de ouro,
55– Enquanto os taberneiros ajuntavam
Imenso cabedal, em poucos anos,
Sem terem, nas tabernas fedorentas,

Página 30

Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo
60– E sobre as prateleiras poucos frascos,
Enquanto, enfim, as negras quitandeiras,
À custa dos amigos, sô trajavam
Vermelhas capas de galões cobertas,
De galacés e tissos ricas saias,
65– Então, prezado amigo, em qualquer festa
Tirava, liberal, o bom senado,
Dos cofres chapeados, grossas barras.
Chegaram tais despesas à notícia
Do rei prudente, que a virtude preza.
70–E, vendo que estas rendas se gastavam
Em touros, cavalhadas e comédias,
Aplicar-se podendo a coisas santas,
Ordena, providente, que os senados,
Nos dias em que devem mostrar gosto

75– Pelas reais fortunas, se moderem
 E só façam cantar, no templo, os hinos
 Com que se dão aos céus as justas graças.
 Ah ! meu bom Doroteu, que feliz fora
 Esta vasta conquista, se os seus chefes
 80– Com as leis dos monarcas se ajustaram!
 Mas alguns não presumem ser vassalos,
 Só julgam que os decretos dos augustos
 Têm força de decretos, quando ligam
 Os braços dos mais homens, que eles mandam.
 85– Mas nunca quando ligam os seus braços.
 Com esta sábia lei replica o corpo
 Dos pobres senadores e pondera
 Que o severo juiz, que as contas toma,
 Lhes não há de aprovar tão grandes gastos.
 90– Da sorte, Doroteu, que o bravo potro
 Quando a sela recebe a vez primeira.
 Enquanto não sacode a sela fora
 E faz em dois pedaços cilha e rédea.
 Mete entre os duros braços a cabeça
 95– E dá, saltando aos ares, mil corcovos.
 Assim o irado chefe não atura
 O freio desta lei, espuma brama,
 Arrepela o cabelo, a barba torce
 E, enquanto entende que o senado zela
 100– Mais as leis, que o seu gosto, não descansa
 Aos tristes senadores não responde,
 Mas manda-lhes dizer que, a não fazerem
 Os pomposos festejos, se preparem
 Para serem os guardas dos forçados,
 105– Trocando as varas em chicote e relho.
 Já viste, Doroteu, que o grande chefe,
 O defensor das leis, o mesmo seja

Página 31

Que insulte, que ameace ao bom vassalo
 Que intenta obedecer ao seu monarca ?
 110– Pois ainda, Doroteu, não viste nada.
 Um monstro, um monstro destes não conhece
 Que exista algum maior que, ousado, possa
 Ou na terra ou no céu, tomar-lhe conta.
 Infeliz, Doroteu, de quem habita
 115– Conquistas do seu dono tão remotas!
 Aqui o povo geme e os seus gemidos
 Não podem, Doroteu, chegar ao trono.
 E se chegam, sucede quase sempre
 O mesmo que sucede nas tormentas,

120– Aonde o leve barco se soçobra
 Aonde a grande nau resiste ao vento.
 Que peito, Doroteu, que peito pode
 Constante, persistir nos são projetos,
 Ouvindo as ameaças do tirano
 125– E, junto já de si, o som dos ferros?
 Somente, Doroteu, os homens santos
 Que a sua lei defendem, vêem os potros,
 Vêem cruzes, cadafalsos e cutelos
 Com rosto sossegado, os outros homens
 130– Não podem, Doroteu, não podem tanto.
 À força de temor o bom senado
 Constância já não tem; afrouxa e cede.
 Somente se disputa sobre o modo
 De ajuntar-se o dinheiro, com que possa
 135– Suprir tamanho gasto o grande Alberga.
 Uns dizem que, das rendas do senado,
 Tiradas as despesas, nada sobra.
 Os outros acrescentam, que se devem
 Parcelas numerosas, impagáveis
 140– Às consternadas amas dos expostos.
 Uns ralham, outros ralham, mas que importa?
 Todos arbítrios dão, nenhum acerta.
 Então o grande Alberga, que preside,
 Vendo esta confusão, na mesma bate
 145– E, levantando a voz, pausada e forte,
 A importante questão assim decide:
 "Há dinheiro, senhores, há dinheiro;
 Vendam-se os castiçais, tinteiro e bancos,
 Venda-se o próprio pano e mesa velha,
 150– Quando isto não baste, há bom remédio,
 As fazendas se tomem, não se paguem
 E, para autorizardes esta indústria,
 Eu vos dou, cidadãos, o meu exemplo".
 Intentam replicar-lhe os camaristas,
 155– A tão baixos calotes nunca afeitos.
 Mas ele, que não sofre mais instâncias,
 As grossas sobranceiras arqueando,

Página 32

Desta sorte prossegue, em tom azedo:
 "Se os meus santos conselhos se desprezam,
 160– Depressa vou dar parte ao nosso chefe.
 Ah! pobres cidadãos, se assim o faço!
 Já se me representa que vos sinto Gemer,
 debaixo dos pesados ferros."
 Só tu, maroto Alberga, só tu podes

165– Desta sorte falar aos teus colegas!
 Que importa que os acuses e que importa
 Que os prenda, com grilhões, o duro chefe?
 São ferros estes, ferros muito honrados,
 Que a honra só consiste na inocência.
 170– Apenas, Doroteu, o vil Alberga
 Fala em queixa fazer ao nosso chefe,
 De susto os camaristas nem respiram,
 Quais chorosos meninos, que emudecem
 Quando as amas lhes dizem: cala, cala,
 175– Que lá vem o tutu que papa a gente.
 Mandam-se apregoar as grandes festas,
 Acompanha ao pregão luzida tropa
 De velhos senadores. Estes trajam,
 Ao modo cortesão, chapéus de plumas,
 180– Capas com bandas de vistosas sedas.
 Chega enfim o dia suspirado,
 O dia do festejo. Todos correm
 Com rostos de alegria ao santo templo.
 Celebra o velho bispo a grande missa,
 185– Porém o sábio chefe não lhe assiste
 Debaixo do espaldar, ao lado esquerdo:
 Para a tribuna sobe e ali se assenta.
 Uns dizem, Doroteu, fugiu prudente,
 Por não ver assentados os padrecos
 190– Na capela maior, acima dele.
 Os outros sabichões, que a causa indagam,
 Discorrem que o senado lhe devia
 Erguer, no presbitério, dossel branco,
 Em honra dele ser Lugar Tenente.
 195– Mas eu com estes votos não concordo,
 E julgo, afoito, que a razão foi esta:
 Porque estando patente e tendo posto
 O seu chapéu em cima da cadeira,
 Pudera duvidar-se se devia
 200– O bispo ter a mitra na cabeça.
 Acaba-se a função e o nosso chefe
 À casa, com o bispo se recolhe.
 A nobreza da terra os acompanha
 Até que montam a dourada sege.
 205– Aqui, meu Doroteu, o chefe mostra
 O seu desembaraço e o seu talento!
 Só numa função destas se conhece

Despidas dos abusos, sábias gentes !
210– Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça, qual mandante
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto da sege, à sege sobe
E da parte direita toma assento.
215– O bispo, o velho bispo atrás caminha.
Em ar de quem se teme da desfeita.
Com passos vagarosos chega à sege.
Encaixa na estribeira o pé cansado
E duas vezes por subir forceja.
220– Acodem alguns padres respeitosos
E, por baixo dos braços, o sustentam.
Então, com mais alento, o corpo move
Dá o terceiro arranco, o salto vence
E, sem poder soltar uma palavra,
225– Ora vermelho ora amarelo fica,
Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.
Agora dirás tu: "que bruto é esse?
Pode haver um tal homem, que se atreva
A pôr na sua sege ao seu prelado
230– Da parte da boléia? Eu tal não creio."
Amigo Doroteu, estás mui ginja,
Já lá vão os rançosos formulários
Que guardavam à risca os nossos velhos.
Em outro tempo, amigo, os homens sérios
235– Na rua não andavam sem florete;
Traziam cabeleira grande e branca.
Nas mãos os seus chapéus. Agora, amigo,
Os nossos próprios becas têm cabelo.
Os grandes sem florete vão à missa.
240– Com a chibata na mão, chapéu fincado,
Na forma em que passeiam os caixeiros.
Ninguém antigamente se sentava
Senão direito e grave, nas cadeiras.
Agora as mesmas damas atravessam
245– As pernas sobre as pernas.
Noutro tempo Ninguém se retirava dos amigos,
Sem que dissesse adeus. Agora é moda
Sairmos dos congressos em segredo.
Pois corre, Doroteu, à paridade,
250– Que os costumes se mudam com os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta moda: o nosso chefe
Vindica os seus direitos. Vê que o bispo
255– É um grande que foi, há pouco, frade
E não pode ombrear com quem descende
De um bravo patagão que, sem desculpa,

Lá nos tempos de Adão já era grande.
Na tarde, Doroteu, do mesmo dia
260– Sai uma procissão, de poucos negros
E padres revestidos, só composta,
Que os brancos e os mulatos se ocupavam
Em guarnecer as ruas, pois que todos
Ocupados estão nas régias tropas.
265– Caminha o nosso chefe, todo
Adônis, Diante da bandeira do senado;
Alguns dos rigoristas não lho aprovam,
Dizendo que devia, respeitoso,
Da maneira que sempre praticaram
270– Os seus antecessores, ir ao lado,
Por ser esta bandeira um estandarte
Onde tremulam, do seu reino, as armas.
Mas eu não o censuro, antes lhe louvo
A prudência que teve: pois supunha
275– Que, à vista do seu sangue e seu caráter,
Podia muito bem querer meter-se
Debaixo, Doroteu, do próprio pátio.
Que destras evoluções não fez a tropa!
Uns ficam, ao passar o sacramento,
280– Com as suas barretinas nas cabeças,
Os outros se descobrem e ajoelham
E, enquanto não se avança o nosso chefe
Prostrados se conservam e, devotos,
Não cessam de ferir os brandos peitos.
285– Ah! grande general! com esta tropa
Tu podes conquistar o mundo inteiro!
Foram muitos felizes os Lorenas,
Os Condes, os Eugênios e outros muitos,
Em tu não floresceres nos seus tempos.
290– Meu caro Doroteu, os sapateiros
Entendem do seu couro, os mercadores
Entendem de fazenda, os alfaiates
Entendem de vestidos, enfim todos
Podem bem entender dos seus ofícios.
295– Porém querer o chefe que se formem
Disciplinadas tropas de tendeiros,
De moços de taberna, de rapazes
E bisonhos roceiros, é delírio,
Que o soldado não fica bom soldado
300– Somente porque veste a curta farda,
Porque limpa as correias, tinge as botas
E, com trapos, engrossa o seu rabicho.

A negra noite em dia se converte
À força das tigelas e das tochas
305– Que em grande cópia nas janelas ardem.
Aqui o bom Robério se distingue:
Compõe algumas quadras, que batiza

Página 35

Com o distinto nome de epigramas
E pedante rendeiro as dependura
310– Na dilatada frente, que ilumina,
Fazendo-as escrever em lindas tarjas.
Rançoso e mau poeta, não nasceste
Para cantar heróis, nem coisas grandes!
Se te queres moldar aos teus talentos,
315– Em tosca frase do país somente
Escreve trovas, que os mulatos cantem.
Andava, Doroteu, alegre a gente
Em bandos pelas ruas. Então vejo
Ao famoso Roquério neste traje:
320– As chinelas nos pés, descalça a perna
Um chapéu muito velho na cabeça,
E, fora dos calções, a porca fralda.
Em um roto capote mal se embrulha
E grande varapau na mão sustenta,
325– Que mais de estorvo que de arrimo serve,
Pois a cachaça ardente, que o alegra,
Lhe tira as forças dos robustos membros
E põe-lhe peso, na cabeça leve.
Não repares, amigo, que te conte
330– Este sucesso, que parece estranho:
Este grande Roquério é um daqueles
Que assenta, à sua mesa, o nosso chefe.
Agora, amigo, vê se esta pintura
Não pode muito bem à nossa historia,
335– Sem violência, servir, também, de enfeite.
Fiquemos, Doroteu, aqui, por ora,
Pois, de tanto escrever, a mão já cansa.
Em outra contarei o mais, que resta
E vi no grão passeio e mais no curro,
340– Aonde as cavahadas se fizeram,
Aonde os maus capinhas maltrataram,
Em vez de touros, mansos bois e vacas.

CARTA 6ª

Em que se conta o resto dos festejos.

Eu ontem, Doroteu, fechei a carta
Em que te relatei da igreja as festas .
E como trabalhava, por lembrar-me
Do resto dos festejos mal descalço
5- Na cama, os lassos membros, me parece
Que vou entrando na formosa praça.
Não vejo, Doroteu, um curro feito
De pedaços informes de outros curros
Sim vejo o mesmo curro, que o bom chefe

Página 36

10- Riscou na seca praia, e nele vejo
As mesmas armações, as mesmas caras.
Ora vou, doce amigo, aqui pintá-lo
Na frente se levanta um camarote
Mais alto do que todos uma braça:
15- Enfeitam seu prospecto lindas colchas
E pendentes cortinas de damasco.
À direita se assenta o nosso chefe;
Os régios magistrados não o cercam,
Nem o cerca, também, o nobre corpo.
20- Dos velhos cidadãos, aquele mesmo
Que faz de toda a festa os grandes gastos.
Com ele só se assenta a sua corte,
Que toda se compõe de novos Martes.
Aqui alguns conheço, que inda vivem
25- De darem o sustento, o quarto, a roupa.
E capim para a besta, a quem viaja.
Conheço, finalmente, a outros muitos
Que foram almocreves e tendeiros.
Que foram alfaiates e Fizeram.
30- Puxando a dente o couro, bem sapatos
Agora, doce amigo, não te rias
De veres que estes são aqueles grandes
Que. em presença do chefe, encostar podem
Os queixos nos bastões das finas canas.
35- Os postos, Doroteu, aqui se vendem,
E, como as outras drogas que se compram,
Devem daqueles ser. que mais os pagam.
No meio desta turba, veio um vulto
Que moça me parece, pelo traje.
40- Não posso conceber o como deva
Estar uma senhora em tal palanque.
O chefe, (eu discorria), inda é solteiro,
E, quando não o fosse, a sua esposa
Não havia sentar-se com barbados.

45– Mil coisas, Doroteu, mil coisas feias
Me sugere a malícia, e todas falsas.
Aplico mais a vista, então conheço
Que é uma muito esperta mulatinha
Que dizem filha ser do seu laçao.
50– Eis aqui, Doroteu, o como, às vezes
'55– Que tudo é desta classe, e, se viveres
Ainda o hás de ver obrar milagres.
Pegado ao camarote do bom chefe
Se vê outro palanque, igual em tudo
Aos rasos camarotes do mais povo.
60– Aqui têm seu lugar os senadores;
Com eles se encorporam outros muitos
Que lograram de edis as grandes honras.
Nos outros adornados camarotes

Página 37

Assistem as famílias mais honestas:
65– Aqui nada se vê que seja pobre.
Recreia, Doroteu, recreia a vista
O vário dos matizes; cega os olhos
O continuo brilhar das finas pedras.
No meio de um palanque então descubro
70– A minha, a minha Nise: está vestida
Da cor mimosa com que o céu se veste
Oh ! quanto, oh! quanto é bela! a verde olaia
Quando se cobre de cheirosas flores
A filha de Taumante, quando arqueia,
75– No meio da tormenta, o lindo corpo;
A mesma Vênus, quando toma e abraça
O grosso escudo e lança, porque vence a
A paixão do deus Marte com mais força,
Ou, quando lacrimosa se apresenta
80– Na sala de seu pai, para que salve
Aos seus troianos das soberbas ondas,
Não é, não é como ela tão formosa.
Qual o tenro menino, a quem se chega
Defronte do semblante a vela acesa.
85– Umas vezes suspenso, outras risonho,
Os olhos arregala e, bem que o chamem,
A tesa vista não separa dela,
Assim eu, Doroteu, apenas vejo
A minha doce Nise, qual menino,
90– Os olhos nela fito cheios de água,
E, por mais que me chamem, ou me abalem.
De embebido que estou, não sinto nada.
No meio, Doroteu, de tanto assombro,

Me finge a perturbada fantasia
95– Novo sucesso, que me aflige e cansa.
Aparece, no curro passeando,
Sexagenário velho, em ar de moço:
Traja uma curta veste, calções largos
Da cor da seca rosa, a quem adorna
100– O brilhante galão de fina prata.
Na bolsa do cabelo, que se enfeita
De duas negras plumas e de flocos,
Branquejam os vidrilhos, e no peito,
De flores se sustenta um grande molho.
105 – Traz dois anéis nos dedos e fivelas
De amarelos topázios. Não caminha
Sem que, avante, caminhe um branco pajem
Atrás da cadeirinha, e o seu moleque
Em forma de lacaio. Ah! velho tonto!
110 – Esse teu tratamento imita, imita
Ao estado que tem o rei do Congo.
Ponho os meus olhos no caduco Adônis,
Então se me afigura que ele oferta

Página 38

A Nise uma das flores, e que Nise
115– Com ar risonho, no seu peito a prega.
Aos zelos, Doroteu, ninguém resiste;
Sentem a sua força os altos deuses,
Os homens mais as feras; e, em Critilo,
Não podes esperar paixões diversas.
120– Apenas isto veio, exasperado
Meto a mão no florete e, quando intento
O peito transpassar-lhe, então acordo
E, vendo-me às escuras sobre a cama
Conheço que isto tudo foi um sonho.
125– Pinte-te, Doroteu. o grande curro
Da sorte que minha alma o viu sonhando:
Agora vou pintar-te os mais sucessos
Que impressos inda tenho na memória.
Ainda, Doroteu, no largo curro
130– Caretas não brincavam, nem se viam,
Nos rasos camarotes, altas popas,
Enfeites com que brilham néscias damas
Quando já no castelo de madeira
As peças fuzilavam, sinal certo
135– De que o nosso herói e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam.
Agora dirás tu: "é forte pressa!
Os chefes nos teatros entram sempre

Às horas de correr-se acima o pano.
140– Amigo Doroteu, tu nunca viste
Uma criança a quem a mãe promete
Levá-la a ver de tarde alguma festa
Que logo de manhã a mãe persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos ?
145– Pois eis aqui, amigo, o nosso chefe.
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.
Chegam-se, enfim, as horas do festejo;
Entra na praça a grande comitiva;
150– Trazem os pajens as compridas lanças
De fitas adornadas, vêm à destra
Os formosos ginetes arreados,
Seguem-se os cavaleiros, que cortejam
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
155– Dividindo as fileiras sobre os lados.
Não há quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato; só o chefe
O corpo da cadeira não levanta,
Nem abaixa a cabeça, qual o dono
160– Dos míseros escravos, quando juntos
A benção vão pedir-lhe, porque sejam
Ajudados de Deus no seu trabalho.
Feitas as cortesias do costume,

Página 39

Os destros cavaleiros galopeiam
165– Em círculos vistosos, pelo campo.
Logo se formam em diversos corpos,
A maneira das tropas que apresentam
Sanguinosas batalhas. Soam trompas,
Soam os atabales, os fagotes,
170– Os clarins, os oboés, e mais as flautas:
O fogo ginete as ventas abre
E bate com as mãos na dura terra;
Os dois mantenedores já se avançam.
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam,
175– Como nos espetáculos romanos,
Com forçosos leões, malhados tigres,
Os homens, peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontradas, e se atiram
Redondas alcançais, curtas canas.
180– De que destro inimigo se defende
Com fazê-las no ar em dois pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postes as cabeças. Umas ficam

Dos ferros trespassados, outras voam,
185– Sacudidas das pontas das espadas;
Airoso cavaleiro ao ombro encosta
A lança, no princípio da carreira;
No ligeiro cavalo a espora bate;
Desfaz com mão igual o ferro, e logo
190– Que leva um argolinha, a rédea toma
E faz que o bruto pare. Doces coros
Aplaudem o sucesso, enchendo os ares
De grata melodia. Então, vaidoso,
Guiado de um padrinho, ao chefe leva
195– O sinal da vitória, que segura
Na destra, aguda lança. O bruto chefe
Aceita a oferta em ar de majestade;
À maneira dos amos, quando tomam
As coisas que lhes dão os seus criados.
200– Nestes e noutros brincos inocentes
Se passa, Doroteu, a alegre tarde.
Já no sereno céu resplandeciam
As brilhantes estrelas, os morcegos
E as toucadas corujas já voavam,
205– Quando, prezado amigo, nas janelas
Do nosso Santiago se acendiam.
Em sinal de prazer, as luminárias;
Ardem, pois, nas janelas de palácio
Duas tochas de pau, e sobre a frente
210– Da casa do Senado se levanta
Uma extensa armação, a quem enfeitam
Quatro mil tigelinhas. Meu Alberga
Aqui o prêmio tens, do teu trabalho.

Página 40

Tu farás, de torcidas e de azeite,
215– Aos tristes camaristas, contas largas;
E as arrobas de sebo, que não arde
Desfeitas em sabão, mui bem te podem
Toda a roupa lavar por muitos anos.
Nas margens, Doroteu, do sujo corgo,
220– Que banha da cidade a longa fralda,
Ha uma curta praia, toda cheia
De já lavados seixos. Neste sitio
Um formoso passeio se prepara:
Ordena o sábio chefe que se cortem
225– De verdes laranjeiras muitos ramos,
E manda que se enterrem nesta praia
Fingindo largas ruas. Cada tronco
Tem, debaixo das folhas, uma tábua.

Sem lavor nem pintura, que sustenta
230– Doze tigelas do grosseiro barro.
No meio do passeio estão abertas
Duas pequenas covas, pouco fundas
Que lagos se apelidam. Sobre as bordas
Ardem mil tigelinhas e o azeite
235– Que corre, Doroteu, dos covos cacos
Inda é mais do que são as sujas águas
Que nem os fundos cobrem destes tanques.
A tão formoso sitio tudo acode
Ou seja de um ou seja de outro sexo,
240– Ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço
A torpe concubina oferta o braco
Ali mancebo ousado assiste e faia
A simples filha, que seus pais recatam;
245– A ligeira mulata, em trajes de homens,
Dança o quente lundu e o vil batuque,
E, aos cantos do passeio, inda se fazem
Ações mais feias, que a modéstia oculta.
Meu caro Doroteu, meu doce amigo,
250– Se queres que este sitio te compare
Como sério poeta, aqui tens Chipre,
Nos dias em que os povos tributavam
A deusa tutelar alegres cultos.
Se queres que o compare, como um homem
255– Que alguma noção tem das sacras letras,
Aqui Sodoma tens e mais Gomorra.
Se queres, finalmente, que o compare
A lugar mais humilde, em tom jocoso,
Aqui, amigo, tens esse afamado
260– Quilombo, em que viveu o pai Ambrósio.
Depõe o nosso chefe a majestade
E, por ver as madamas, rebuçado
No capote de berne; corre as ruas,

Página 41

Seguido, Doroteu, das suas guardas.
265– Depois de dar seus giros, vai sentar-se
Em um dos toscos bancos, onde tomam
Assento certas moças que puderam,
Não sei por que razão, cair-lhe em graça.
Não diz uma fineza às tais mocinhas,
270– Pois não é, Doroteu, porque não saiba,
Que ele tem muito estudo de Florinda,
Da Roda da Fortuna e de outros livros,
Que dão aos seus leitores grande massa.

É, sim, por sustentar a gravidade
 275– Que, no público, pede o seu emprego.
 Mas, para lhes mostrar o quanto as preza,
 (Oh! força milagrosa do bestunto!)
 Descobre esta feliz e nova traça:
 Vai sentar-se na ponta do banquinho,
 280– Umas vezes suspende ao ar o corpo,
 Outras vezes carrega sobre a tábua
 E, desta sorte, faz que as belas mocas,
 Movidas do balanço, dêem no vento
 Milhares e milhares de embigadas.
 285– Chega-se, Doroteu, defronte dele
 Um máscara prendado: não estima
 Os discretos conceitos, nem se agrada
 De ver executar vistosos passos.
 Manda, sim, que arremede o nosso bispo,
 290– Que arremede, também, o modo e o gesto
 De um nosso general. São estes momos
 Os únicos que podem comovê-lo
 No público a mostrar risonha cara.
 Oh ! alma de fidalgo, oh ! chefe digno
 295– De vestir a libré de um vil lacaio!
 Cresceram, doce amigo, alguns foguetes
 Da noite em que o Senado fez no curro
 De pólvora queimar barris imensos.
 Em uma noite clara, qual o dia.
 300– Ordena que os foguetes vão aos ares.
 Vai se pôr no passeio, reclinado
 Sobre um monte de pedras; faz-lhe a corte
 A velha poetisa, que repete
 Um soneto que fez a certos males.
 305– Começam os vapores do ribeiro
 A formar, sobre a terra, nuvens densas
 Não se vêem, dos foguetes, os chuveiros
 Não se vêem as estrelas, nem as cobras
 Mas ele os deixas arder, e gasta a noite
 310– Contento com ouvir alguns estalos
 E a bulha, que eles fazem, quando sobem.
 Já chega, Doroteu, o novo dia
 O dia em que se correm bois é vacas.

Página 42

Amigo Doroteu, é tempo, é tempo
 315– De fazer-te excitar, no peito brando
 Afetos de ternura, de ódio e raiva.
 No dia. Doroteu, em que se devem
 Correr os mansos touros, acontece

Morrer a casta esposa de um mulato,
 320– Que a vida ganha por tocar rabeça;
 Dá-se parte do caso ao nosso chefe
 Este, prezado amigo, não ordena
 Que outro músico vá em lugar dele
 A rabeça tocar no pronto carro;
 325– Ordena que ele escolha ou a cadeira
 Ou ir tocar a doce rabequinha
 Naquela mesma tarde, pela praia.
 Que é isto, Doroteu, estás confuso?
 Duvidas que isto seja ou não verdade ?
 330– Então que hás de fazer, quando me ouvires
 Contar desordens, que inda são mais calvas?
 Indigno, indigno chefe, as leis sagradas
 Não querem se incomodem alguns dias
 Os parentes chegados dos defuntos,
 335– Ainda para coisas necessárias;
 E tu, cruel, violentas um marido
 A deixar sobre a terra o frio corpo
 Da sua terna esposa, sem que tenhas
 Ao menos uma honesta e justa causa 3
 40– Bárbaro, tu praticas tudo junto
 Quanto obraram, no mundo, os maus tiranos!
 Mezêncio ajuntava os corpos vivos
 Aos corpos já corruptos, e tu segues
 Outros caminhos, que inda são mais novos;
 345– Separas dos defuntos os que vivem,
 Não queres que os parentes sejam pios,
 Dando as últimas honras aos seus mortos!
 Chega-se, finalmente, a tarde alegre
 Do festejo dos touros. Já no curro
 350– Aparecem os dois formosos carros.
 O primeiro derrama sobre a terra,
 Por bocas de serpentes escamosas,
 Dois puros chorros de água; no segundo
 Se levantam, alegres, doces vozes,
 355– Que vários instrumentos acompanham.
 Aqui, entre os que tocam, se divisa
 Um triste rosto, que se alaga em pranto.
 Não sabes, Doroteu, quem este seja ?
 Pois é, prezado amigo, aquele triste
 360– Que tem a mulher morta sobre a cama.
 O nosso grande chefe mal conhece
 Ao pobre do viúvo, compassivo
 Mete a mão no seu bolso e dele tira

Um famoso cartucho, que lhe entrega.
365– O néscio rebequista, que a ação nota,
Um pouco suaviza a sua mágoa,
E, enquanto não recebe o tal embrulho,
Consigo assim discorre: "Que ditosa,
Que ditosa violência, que socorre,
370– Em tal ocasião, a minha falta!
Já tenho com que pague ao meu vigário,
Já tenho com que pague a cera, a cova,
A mortalha, o caixão, e mais os padres."
Assim o bom viúvo discorria,
370– Quando pega no embrulho, e mal o rasga,
Encontra, Doroteu, confeitos grandes,
Encontra manuscriti e rebuçados.
Que é isso, Doroteu, de novo pasmas?
De novo desconfias da verdade ?
380– Amigo Doroteu, o nosso chefe
Estudou medicina, e como alcança
Que o chorar faz defluxo, providente
Ministra rebuçados a quem chora,
Para, com eles, acudir-lhe ao peito.
385– Principiam os touros, e se aumentam
Do chefe as parvoíces. Manda à praça
Sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sai um touro levantado,
Que ao mau capinha, sem fugir, espera.
390– Acena-lhe o capinha, ele recua
E atira com as mãos, ao ar, a terra.
Acena-lhe o capinha novamente,
De novo raspa o chão e logo investe
Lá vai o mau capinha pelos ares.
395– Lá se estende na areia, e o bravo touro
Lhe dá, com o focinho, um par de tombos
Nem deixa de pisá-lo, enquanto o néscio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boizinho, em paz te fica,
400– Que o nosso chefe ordena te recolham
Sem fazeres mais sorte, e te reserva
Para ao curro saíres, quando forem
Do Senhor do Bonfim as grandes festas.
Agora sai um touro, que é prudente.
405– Se o capinha o procura, logo foge.
Os caretas lhe dão mil apupadas
Um lhe pega no rabo, e o segura,
Outro intenta montá-lo, e o grande chefe
O deixa passear por largo espaço.
410– Manda soltar-lhe os cães, manda meter-lhe
As garrochas de fogo, que primeiro
Quem rompam do ligeiro bruto

Nos destros dedos do capinha estalam.

Página 44

Com estes maus festejos, que aborrecem,
415– Se gastam muitos dias. Já o povo
Se cansa de assistir na triste praça
E, ao ver-se solitário, o bruto chefe
Nos trata por incultos, mais ingratos.
Soberbo e louco chefe, que proveito
420– Tiraste de gastar em frias festas
Imenso cabedal, que o bom Senado
Devia consumir em coisas santas ?
Suspiram pobres amas e padecem
Crianças inocentes, e tu podes
425– Com rosto enxuto ver tamanhos males?
Embora! sacrifica ao próprio gosto
As fortunas dos povos que governas;
Virá dia em que mão robusta e santa
Depois de castigar-nos, se condoa
430– E lance na fogueira as varas torpes.
Então rirão aqueles que choraram,
Então talvez que chores, mas de balde.
Que suspiros e prantos nada lucram
A quem os guarda para muito tarde.

CARTA 7ª

Há tempo, Doroteu, que não prossigo
Do nosso Fanfarrão a longa história.
Que não busque cobrí-los com tal capa,
Que inda se persuada que os mais homens
5– Lh'os ficam respeitando, como acertos .
Enquanto ao conhecer destes despejos,
Pespega à lei a boa inteligência,
Que extensiva se chama. Sim, entende
Que aonde o rei ordena que só haja
10– Recurso a ele mesmo, nos faculta
Recurso aos generais, pois que estes fazem,
Em tudo, e mais que em tudo, as suas vezes.
Ah! dize, meu amigo, se podia
Dar-lhe outra inteligência o mesmo Acúrsio .
15– Esse grande doutor, que já nos finge,
Nos princípios de Roma, conhecida
A Divina Trindade, e que pondera
Que do cão, que na palha está deitado,
A velha fúria, lei se diz canina.

20– Maldito, Doroteu, maldito seja
O pai de Fanfarrão, que deu ao mundo,
Ao mundo literário tanta perda,
Criando ao hábil filho numa corte,
Qual morgado, que habita em pobre aldeia!

Página 45

25– Ah ! se ele, doce amigo, assim discorre,
Sabendo apenas ler redonda letra,
Que abismo não seria, se soubesse
Verter o breviário em tosca prosa.
Se entrasse em Salamanca, e ali ouvisse
30–Explicar a questão daquela escrava
Que foi manumitida em testamento,
Se três filhos parisse, e outras muitas
Que os lentes nos ensinam, desta casta !
Enquanto, Doroteu, ao outro ponto
35– De julgar aos expulsos inocentes,
Também razão lhe dou, porque, primeiro
Se informa com aqueles, que os réus dizem
Que sabem, mais que todos, do seu caso.
Nem é de presumir que estes lhe faltem
40– A verdade, jurando, pois têm alma.
Sê boa testemunha, meu paizinho
A quem o vulgo chama pé-de-pato.
Confessa se não foste o que juraste
Que deste uma denúncia e fora falsa.
45– Indigno e bruto chefe, em que direito
Entendes que se firmam tais processos ?
Um réu, a quem condena um magistrado,
Pode mostrar o injusto da sentença
Dando umas testemunhas que juraram
50– Sem haver citação da sua parte ?
Dando umas testemunhas inquiridas
Por juiz que não pode perguntá-las ?
E como, louco chefe, e como sabes
Que a defesa convence, se nem viste
55– Os autos, em que a culpa está formada ?
Suponho que juraram novamente
Aqueles mesmos que as denúncias deram:
O segundo e contrário juramento
Não é que se reputa, sempre, o falso ?
60– E quem chega a comprar um grande chefe
Não pode inda melhor comprar um negro ?
Amigo Doroteu, estes pretextos
São como as bigodeiras, que não podem
Fazer se não conheçam as pessoas,

65– Que dançam nos teatros por dinheiro.
Não lucra, doce amigo, o nosso chefe
Somente em revogar os extermínios
Que fazem os ministros: ele mesmo
Ordena se despejem os ricos,
70– Ainda que estes vivam sem suspeita
Do infame contrabando. Desta sorte
Os obriga, também, a vir à tenda
Comprar, por grossas barras, seus despachos.
Todos largam, enfim, e todos entram

Página 46

75– No vedado distrito, sem que importe
Haver ou não haver de crime indício.
Só tu, meu Josefino, sô tu ficas
No mandado desterro, por teimares
Em não querer largar, ao vil Matúcio,
80– Uns tantos mil cruzados, que pedia.
Só tu... porem, amigo, é tempo, é tempo
De fechar esta carta, pois, ainda
Que a matéria, por nova, te deleite,
A muita difusão também enfada.
85– Eu a pena deponho, e só te peço
Que tomes a lição, que te apresenta
O nosso Fanfarrão, no seu mulato.
Não desfaças, amigo, as ruças becas.
Vai-as distribuindo aos teus lacaios,
90– Bem como faz o chefe às suas fardas,
Que, enquanto estes as rompem, poupam
As librés amarelas asseadas.

CARTA 8ª

Em que se trata da venda dos despachos e contratos

Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha
Têm diversas herdades: uma delas
Dão trigo, dão centeio e dão cevada,
As outras têm cascatas e pomares,
5– Com outras muitas peças, que só servem,
Nos calmosos verões, de algum recreio.
Assim os generais da nossa Chile
Têm diversas fazendas: numas passam
As horas de descanso, as outras geram
10– Os milhos, os feijões e os úteis frutos
Que podem sustentar as grandes casas.

As quintas, Doroteu, que mais lhes rendem,
Abertas nunca são do torto arado.
Quer chova de contínuo, quer se gretem
15- As terras, ao rigor do sol intenso,
Sempre geram mais frutos do que as outras,
No ano em que lhes corre, ao próprio, o tempo.
Estas quintas, amigo, não produzem
Em certas estações, produzem sempre,
20- Que os nossos generais, tomando a foice,
Vão fazer, nas searas, a colheita.
Produzem, que inda é mais, sem que os bons chefes
Se cansem com amanhos, nem, ainda,
Com lançarem, nos sulcos, as sementes.
25- Agora dirás tu, de assombro cheio:
"Que ditosas campinas! Dessa sorte

Página 47

Só pintam os Elíseos os poetas."
Amigo Doroteu, és pouco esperto;
As fazendas que pinto não são dessas
30- Que têm, para as culturas, largos campos
E virgens matarias, cujos troncos
Levantam, sobre as nuvens, grossos ramos.
Não são, não são fazendas onde paste
O lanudo carneiro e a gorda vaca,
35- A vaca, que salpica as brandas ervas
Com o leite encorpado, que lhe escorre
Das lisas tetas, que no chão lhe arrastam.
Não são, enfim, herdades, onde as louras
Zunidoras abelhas de mil castas,
40- Nos côncavos das árvores já velhas,
Que bálsamos destilam, escondidas,
Fabriquem rumas de gostosos favos.
Estas quintas são quintas só no nome,
Pois são os dois contratos, que utilizam
45- Aos chefes, inda mais que ao próprio Estado.
Cada triênio, pois, os nossos chefes
Levantam duas quintas ou beldades,
E, quando o lavrador da terra inculta
Despende o seu dinheiro, no princípio,
50- Fazendo levantar, de paus robustos,
As casas de vivenda e, junto delas,
Em volta de um terreiro, as vis senzalas,
Os nossos generais, pelo contrário,
Quando estas quintas fazem, logo embolsam
55- Uma grande porção de louras barras.
A primeira fazenda, que o bom chefe
Ergueu nestas campinas, foi a grande

Herdade, que arrendou ao seu Marquêsio.
As línguas depravadas espalharam
60– Que, para o tal Marquêsio entrar de posse,
Largara ao grande chefe, só de luvas,
Uns trinta mil cruzados; bagatela!
Os mesmos maldizentes acrescentam
Que o pançudo Robério fora aquele
65– Que fez de corretor no tal contrato.
Amigo Doroteu, eu tremo e fujo
De encarregar minha alma. O bom Vergílio
Talvez, talvez que aflito se revolve,
No meio da fogueira devorante,
70– Por dizer que adorara, ao pio Enéias,
Uma casta rainha, cujos ossos
Estavam no sepulcro, já mirrados,
Havia coisa de trezentos anos.
Eu não te afirmo, pois, que se fizesse
75– A venda vergonhosa; só te afirmo
Que o mundo assim o julga, e que esta fama

Página 48

Não deixa de firmar-se em bons indícios.
As leis do nosso reino não consentem
Que os chefes dêem contratos, contra os votos
80– Dos retos deputados que organizam
A Junta de Fazenda, e o nosso chefe
Mandou arrematar, ao seu Marquêsio,
O contrato maior, sem ter um voto
Que favorável fosse aos seus projetos.
85– As mesmas santas leis jamais concedem
Que possa arrematar-se algum contrato
Ao rico lançador, se houver na praça
Um só competidor de mais abono;
E o nosso general mandou se desse
90– O ramo ao lançador, que apenas tinha
Uns vinte mil cruzados, em palavra,
Deixando preterido outro sujeito
De muito mais abono, e a quem devia
Um grosso cabedal o régio erário.
95– Mal acaba Marquêsio o seu triênio,
Outro novo triênio lhe arremata,
Sem que um membro da Junta em tal convenha;
E, tendo o tal Marquêsio, no contrato,
Perdido grandes somas, lhe dispensa
100– Outras fianças dar à nova renda.
Amigo Doroteu, o nosso chefe,
Que procura tirar conveniência
Dos pequenos negócios e despachos,

Daria este contrato ao bom Marquésio,
105– Este grande contrato, sem que houvesse,
De paga equivalente, ajuste expresso?
Amigo Doroteu, se não sou sábio,
Não sou, também, tão néscio, que nem saiba
Das premissas tirar as conseqüências.
110– Agora dirás tu: "Se o patrimônio
De Marquésio consiste, como afirmas,
Em vinte mil cruzados, em palavra,
Como, de luvas, deu ao chefe os trinta?"
Amigo Doroteu, estou pilhado;
115– A palavra, que sai da boca fora,
É corno a calhoadá, que se atira,
Que já não tem remédio; paciência.
Eu as ervas arranco, e, desde agora,
Contigo falarei com mais cautela.
120– Mas que vejo? Tu ris-te? Acaso pensas
Que me tens apanhado na verdade?
A mim nunca apanharam os capuchos,
Quando, no raso assento, defendia
Que a natureza não tolera o vácuo,
125– Que os cheiros são ocultas entidades,
Com outras mil questões da mesma classe.

Página 49

E tu, meu doce amigo, pretendias
Convencer-me em matéria em que dar posso
A todos, de partido a sota e o basto
130– Desiste, Doroteu, do louco intento,
Faze uma grande cruz na lisa testa,
Dá figas ao demônio, que te atenta.
Ora ouve a solução desse argumento:
Bem que pingante seja quem remata
135– Este grande contrato, mercadeja
Com perto de um milhão; por isso todos
Ihe emprestam prontamente os seus dinheiros.
Os chefes, Doroteu, que só procuram
De barras entulhar as fortes burras,
140– Desfrutam juntamente as mais fazendas,
Que os seus antecessores levantaram.
Nem deixam descansar as férteis terras
Enquanto não as põem em samambaias.
Aqui agora tens, meus Silverino,
145– O teu próprio lugar. Tu és honrado,
E prezas, como eu prezo, a sã verdade;
Por isso nos confessas que tu ganhas
A graça deste chefe, porque envias,
Pela mão de Matúsio, seu agente

150– Em todos os trimestres, as mesadas.
Eu sei, meu Silverino, que quem vive
Na nossa infeliz Chile, não te impugna
Tão notória verdade. Porém deve
Correr estranhos climas esta história,
155– E, como tu não vás, também, com ela,
É justo que lhe ponha algumas provas.
A sábia lei do reino quer e manda
Que os nossos devedores não se prendam.
Responde agora tu, por que motivo
160– Concede o grande chefe que tu prendas
A quantos miseráveis te deverem?
Porque, meu Silverino? Porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro.
As mesmas leis do reino também vedam
165– Que possa ser juiz a própria parte.
Responde agora mais, por que princípio
Consente o nosso chefe, que tu sejas
O mesmo que encorrente a quem não paga?
Porque, meu Silverino? Porque largas,
170– Porque mandas presentes, mais dinheiro.
Os sábios generais reprimir devem
Do atrevido vassalo as insolências;
Tu metes homens livres no teu tronco,
Tu mandas castigá-los, como negros;
175– Tu zombas da justiça, tu a prendes;
Tu passas portais ordenando

Página 50

Que com certas pessoas não se entenda.
Porque, por que razão o nosso chefe
Consente que tu faças tanto insulto,
180– Sendo um touro, que parte ao leve aceno?
Porque, meu Silverino? Porque largas
Porque mandas presentes, mais dinheiro.
A lei do teu contrato não faculta
Que possas aplicar aos teus negócios
185– Os públicos dinheiros. Tu, com eles,
Pagaste aos teus credores grandes somas!
Ordena a sábia Junta, que dê logo
Da tua comissão estreita conta;
O chefe não assina a portaria,
19– Não quer que se descubra a ladroeira,
Porque te favorece, ainda à custa
Dos régios interesses, quando finge
Que os zela muito mais que as próprias rendas.
Porque, meu Silverino? Porque largas,

195– Porque mandas presentes, mais dinheiro.
 Apenas apareces... Mas não posso
 Só contigo gastar papel e tempo.
 Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,
 E passo a relatar, ao caro amigo,
 200– Os estranhos sucessos que ainda faltam;
 Nem todos lhe direi, pois são imensos.
 Pretende, Doroteu, o nosso chefe
 Mostrar um grande zelo nas cobranças
 Do imenso cabedal que todo o povo,
 205– Aos cofres do monarca, está devendo.
 Envia bons soldados às comarcas,
 E manda-lhe que cobrem, ou que metam,
 A quantos não pagarem, nas cadeias.
 Não quero, Doroteu, lembrar-me agora
 210– Das leis do nosso augusto; estou cansado
 De confrontar os fatos deste chefe
 Com as disposições do são direito;
 Por isso pintarei, prezado amigo,
 Somente a confusão e a grã desordem
 215– Em que, a todos, nos pôs tão nova idéia.
 Entraram, nas comarcas, os soldados,
 E entraram a gemer os tristes povos.
 Uns tiram os brinquinhos das orelhas
 Das filhas e mulheres; outros vendem
 220– As escravas, já velhas, que os criaram,
 Por menos duas partes do seu preço.
 Aquele que não tem cativo, ou jóia,
 Satisfaz com papéis, e o soldadinho
 Estas dívidas cobra, mais violento
 225– Do que cobra a justiça uma parcela
 Que tem executivo aparelhado,

Página 51

Por sábia ordenação do nosso reino.
 Por mais que o devedor exclama e grita
 Que os créditos são falsos, ou que foram
 230– Há muitos anos pagos, o ministro
 Da severa cobrança a nada atende;
 Despreza estes embargos, bem que o triste
 Proteste de os provar incontinente.
 Não se recebem só, prezado amigo,
 235– Os créditos alheios, para embolso
 Das dívidas fiscais. O soldadinho
 Descobre um ramo, aqui, de bom comercio:
 Aquele que não quer propor demandas
 Promete-lhe a metade, ou mais, ainda,

240–Das somas que lhe entrega, e ele as cobra
 Fingindo que as tomou em pagamento
 Das dividas do rei. Ainda passa
 A mais esta desordem: faz penhoras
 E manda arrematar, ao pé da igreja,
 245– As casas, os cativos, mais as roças.
 Agora, Fanfarrão, agora falo
 Contigo, e só contigo. Por que causa
 Ordenas que se faça uma cobrança
 Tão rápida e tão forte contra aqueles
 250– Que ao erário só devem tênues somas?
 Não tens contratadores, que ao rei devem,
 De mil cruzados centos e mais centos?
 Uma só quinta parte, que estes dessem,
 Não matava, do erário, o grande empenho?
 255– O pobre, porque é pobre, pague tudo,
 E o rico, porque é rico, vai pagando
 Sem soldados à porta, com sossego!
 Não era menos torpe, e mais prudente
 Que os devedores todos se igualassem?
 260– Que, sem haver respeito ao pobre ou rico,
 Metessem, no erário, um tanto certo,
 À proporção das somas que devessem?
 Indigno, indigno chefe! Tu não buscas
 O público interesse. Tu só queres
 265– Mostrar ao sábio augusto um falso zelo,
 Poupando, ao mesmo tempo, os devedores,
 Os grossos devedores, que repartem
 Contigo os cabedais, que são do reino.
 Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas
 270– Que o nosso Fanfarrão estima e preza
 Os rendeiros que devem, por sistema:
 Só para ver se os ricos desta terra,
 A força de favores animados,
 Se esforçam a lançar nas régias rendas.
 275– Amigo Doroteu, o nosso chefe,
 Se faz alguma coisa, é só movido

Página 52

Da loucura, ou do sórdido interesse.
 Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te
 Esta santa verdade, com exemplos.
 280– Morre um contratador e se nomeia,
 Para tratar dos bens, um seu parente,
 Que Ribério se chama. Não te posso
 Explicar o fervor com que Ribério
 Demanda os devedores, vence e cobra
 285– Os cabedais dispersos desta herança.

Estava quase extinto o que devia
 A fazenda do rei; então o chefe
 Lhe ordena satisfaça todo o resto,
 No peremptório termo que lhe assina.
 290– Exclama o bom Ribério que não pode,
 Pois todo o cabedal, que tem cobrado,
 Ou está, nas demandas, consumido,
 Ou tem entrado, já, no régio erário.
 E, para bem mostrar esta verdade,
 295– Suplica ao grande chefe, que lhe escolha
 Um reto magistrado, que lhe tome,
 Da sua comissão, estreita conta.
 Pois isto, Doroteu, não vale nada:
 Sem contas lhe tomarem, manda o chefe
 300– Que gema na cadeia, até que pague.
 Já viste uma insolência semelhante?
 Aos grandes devedores, não se assinam
 Os termos peremptórios para a paga,
 Nem vão para as cadeias, bem que comam
 305– A fazenda do rei e só Ribério,
 Sendo um procurador, que nada deve,
 Vai viver na prisão, por tempos largos?
 Amigo Doroteu, o nosso chefe
 Patrocina aos velhacos, que lhe mandam,
 310– Para que mais lhe mandem. Prende e vexa
 Aos justos, que entesouram suas barras,
 Para ver se, oprimidos, se resolvem
 A seguir os caminhos dos que largam.
 Remata-se um contrato a um sujeito,
 315– Que o pode bem pagar, por mais que perca
 Pretende um fiador deste contrato
 Ir tratar, no Peru, do seu comercio;
 Vai licença pedir ao grande chefe,
 E o chefe lha concede. Escuta agora;
 320– Ouvirás uma ação, a mais indigna
 De quantas, por marotos, se fizeram:
 Apenas o tal homem sai da terra,
 Se despede uma esquadra de soldados
 Que, mal com ele topa, lhe dá busca.
 325– As cargas se revolvem, nem lhe escapam
 As grosseiras cangalhas, que se quebram.

Página 53

Não acham contrabandos, porem, sempre,
 Lhe tomam os dinheiros, que ele leva.
 E o grande chefe ordena que se metam
 330– No régio erário todos, inda aqueles,
 Que são de vários donos. Dize, amigo,

Já viste uma injustiça assim tão clara?
 Aos grossos devedores não se tomam
 Os seus próprios dinheiros, bem que tenham
 335– Comido os cabedais dos seus contratos
 E, ao simples fiador de um rematante,
 Que nada, ainda, deve, e que tem muito,
 Vão-se, à força, tomar os seus dinheiros,
 E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes!
 340– Agora, Doroteu, não tens que digas,
 Hás de, enfim, confessar, que o nosso chefe
 Somente não oprime a quem lhe larga.
 Ora, ouve as circunstancias que inda crescem
 E que inda afeiam mais o torpe caso:
 345– Espalham as más línguas, que Matúcio
 Pedira ao tal sujeito lhe comprasse,
 Uns finos guardanapos e toalhas;
 Que o fiador mesquinho lh'os trouxera
 E, vendo que Matúcio se esquecia,
 350 – Lhe chegou a pedir, sem peio, a paga.
 Que o chefe, ressentido desta injúria,
 Lhe mandou dar a busca por vingança,
 E que até ao presente inda não consta
 Que o preço da encomenda se pagasse.
 355– Que mais pode fazer o seu laçao?
 Isto não é mais feio, que despir-se
 A preciosa capa ao grande Jove
 E mandar-se tirar ao sábio filho,
 O famoso Esculápio, as barbas de ouro?
 360– Amigo Doroteu, se acaso vires,
 Na corte, algum fidalgo pobre e roto,
 Dize-lhe que procure este governo;
 Que, a não acreditar que há outra vida,
 Com fazer quatro mimos aos rendeiros,
 365– Há de à pátria voltar, casquilho e gordo.

CARTA 9ª

Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas.

Agora, Doroteu, agora estava
 Bamboando, na rede preguiçosa
 E tomando, na fina porcelana,
 O mate saboroso, quando escuto
 5– De grossa artilharia o rouco estrondo.
 O sangue se congela, a casa treme,

E pesada porção de estuque velho,
A violência do abalo despegada
Da barriguda esteira, faz que eu perca
10- A tigela esmaltada, que era a coisa
Que tinha, nesta casa, de algum preço.
Apenas torno em mim daquele susto,
Me lembra ser o dia em que o bom chefe,
Aos seus auxiliares, lições dava
15- Da que Saxi chamou pequena guerra.
Amigo Doroteu, não sou tão néscio,
Que os avisos de Jove não conheça.
Pois não me deu a veia de poeta,
Nem me trouxe, por mares empolados,
20- A Chile, para que, gostoso e mole,
Descanse o corpo na franjada rede.
Nasceu o sábio Homero entre os antigos,
Para o nome cantar, do grego Aquiles;
Para cantar, também, ao pio Enéias,
25- Teve o povo romano o seu Vergílio:
Assim, para escrever os grande feitos
Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,
Entendo, Doroteu, que a Providência
Lançou, na culta Espanha, o teu Critilo.
30- Ora pois, Doroteu, eu passo, eu passo
A cumprir, respeitoso, os meus deveres
E, já que o meu herói, agora, adestra
Esquadras belicosas, também, hoje,
Tomarei por empresa só mostrar-te
35- Que ele fez, na milícia, grandes coisas.
Ha, nesta capital, um regimento
De tropa regular, a quem se daga.
Tu sabes, Doroteu, que não há corpo
Que, todo, de iguais membros se componha.
40- Das ordens mais austeras, que fizeram
Os santos penitentes patriarcas,
Saíram, contra o trono rebelados,
Os infames Clementes, e saíram
Contra o dogma, os Calvinos e os Luteros;
45- O mesmo Apostolado teve um Judas.
Se isto pois, Doroteu, assim sucede
Nos corpos, que se formam de escolhidos,
Que não sucederá, nos grandes corpos,
Aonde se recebam as pessoas
50- Que timbre fazem, dos seus próprios vícios?
O meio, Doroteu, o forte meio
Que os chefes descobriram para terem
Os corpos que governam, em sossego,
Consiste em repartirem com mão reta
55- Os prêmios e os castigos, pois que poucos

A cândida virtude. Os mais dos homens
Aos vícios fogem, porque as penas temem.
Ora ouve, Doroteu, o como o chefe
60– Os castigos reparte aos seus guerreiros.
Não há, não há distúrbio nesta terra,
De que mão militar não seja autora.
Chega, prezado amigo, a ousadia
De um indigno soldado a este excesso:
65– Aperta, na direita, o ferro agudo
E penetra as paredes de palácio,
No meio de uma sala, aonde estavam
As duas sentinelas, que defendem,
Da casa do dossel, a nobre entrada.
70– Aqui, meu Doroteu, aqui se chega
Ao camarada inerme e, pelas costas,
O deixa quase morto, a punhaladas.
Que esperas tu, agora, que eu te diga?
Que o militar conselho já se apressa?
75– Que já se liga, ao poste, o delinqüente?
Que os olhos, com o lenço, já lhe cobrem?
Que a bala zunidora já lhe rompe
O peito palpitante? Que suspira?
Que lhe cai, sobre os ombros, a cabeça?
80– Meu caro Doroteu, o nosso chefe
É muito compassivo, sim, bem pode
Oprimir os paisanos inocentes
Com pesadas cadeias, pode, ainda,
Ver o sangue esguichar das rotas costas
85– À força dos zorragues, mas não pode
Consentir que se dê, nos seus soldados,
Por maiores insultos que cometam,
A pena inda mais leve: assim praticam
Os famosos guerreiros, que nasceram
90– Para obrarem, no mundo, empresas grandes.
Ele, sim bem conhece que não há de
Talar, com estas tropas, as campinas,
Que o céu lhe não concede a esperança
De entrar no templo augusto da Vitória,
95– Coberto de poeira e negro sangue.
Mas sempre, Doroteu, as quer propicias,
Pois, inda que não cinjam as espadas,
Para cortar loureiros e carvalhos,
Que a testa lhes circulem, são aquelas
100– Que, prontas, executam seus mandados;
São aquelas, que infundem, nestes povos,

O medo e sujeição, com que toleram
O verem em desprezo as leis sagradas.
Conhece, Doroteu, o próprio chefe,
105—Que vai passando a muito a liberdade
Das fardas atrevidas, e, querendo

Página 56

A tais desordens pôr remédio e freio,
Não manda que se cumpram as leis santas
Que, aos delitos, arbitram justas penas.
110— Manda, sim, um cartaz, aonde inova
Que, todos os domingos, na parada,
Se leia o militar regulamento.
Indigno e bruto chefe, de que serve
Que se leiam as leis, se os malfeitores,
115— Do que mandam, não vêem um só exemplo.
Tens visto, Doroteu, o como o chefe
Os delitos castiga; agora sabe
Da sorte que reparte, aos bons, os prêmios.
Morreu um capitão, e subiu logo,
120— Ao posto devoluto, um bom tenente.
Porque foi, Doroteu? seria, acaso,
Por ser tenente antigo? Ou porque tinha
Com honra militado? Não, amigo,
Foi só porque largou três mil cruzados!
125— Ah! não mudes a cor de teu semblante,
Prudente Maximino! Não, não mudes.
Que importa que comprasses a patente?
Se tu a merecias, a vileza
Da compra não te infama, sim ao chefe,
130— Que nunca faz justiça, sem que a venda.
Reforma um capitão e, no seu posto,
Encaixa, sem vergonha, a Tomazine,
Um moço, na milícia pouco esperto,
135— Que um ano inda não tinha de tenente.
Em que guerras andou, em que campanhas?
Quais as feridas, que no corpo mostra?
Aonde, aonde estão as diligências,
As grandes diligências arriscadas,
Que fez este mancebo, com que possa
140— Preferir aos antigos, destros cabos?
Ah! sim, eu já me lembro! Tem serviços,
Tem famosos serviços, na verdade:
A casa deste moço, bem que pobre,
É a casa somente, aonde o chefe
145— Entra em ar de visita, bebe e folga.
Aqui tens teu lugar, meu bom Lobésio;
Tu foste a capitão e tu passaste